



**“UM LIVRO AO
MESMO TEMPO
ENGRAÇADO E
ESTRANHAMENTE
ROMÂNTICO.”**

MORE

**“DIVERSÃO
GARANTIDA,
COM ALTO ÍNDICE
DE RISOS E
GARGALHADAS
POR CAPÍTULO.”**

GOOD BOOK GUIDE

**“*O SUBSTITUTO* É UMA COMÉDIA ROMÂNTICA
ADORÁVEL E INTELIGENTE. A FORMA COMO DAVID
NICHOLLS MESCLA PASSAGENS ENGRAÇADAS COM
OUTRAS PROFUNDAMENTE EMOCIONANTES O COLOCA
MUITO ALÉM DE OUTROS AUTORES DO GÊNERO.”** BOOKLIST

**“UMA HISTÓRIA
DIVERTIDA,
UM ROMANCE
SEM FOFURA.”**

METRO

**“UM ROMANCE
DELICIOSO. UMA
HISTÓRIA INTELIGENTE E
ENCANTADORA”**

MIRROR

**“ENGRAÇADO E PROFUNDO, COM
DIÁLOGOS BRILHANTES.”**

GOOD HOUSEKEEPING

***“O SUBSTITUTO
É UMA COMÉDIA
FANTÁSTICA, UM LIVRO
DELICIOSAMENTE
BEM ESCRITO.”***

NEW WOMAN

***“UMA
MISTURA
INCOMUM
DE CINISMO E
ROMANCE — SEM
SENTIMENTALISMOS,
SÓ BOAS RISADAS!”***
COMPANY

***“UMA COMÉDIA
ROMÂNTICA COM
UM CHARMOSO
SOTAQUE BRITÂNICO.”***

KIRKUS REVIEWS

***“BRILHANTEMENTE
CONSTRUÍDO E MUITO
ENGRAÇADO.”*** CLOSER

***“DELICADO
E DIVERTIDO.”***
EVE

***“ALTERNA HABILIDOSAMENTE PASSAGENS DO
MAIS PURO CONSTRANGIMENTO SOCIAL
COM TRECHOS COMOVENTES MUITO BEM
CONSTRUÍDOS, NUM ROTEIRO DIGNO DAS
MELHORES COMÉDIAS ROMÂNTICAS INGLESAS.”***

INDEPENDENT ON SUNDAY

David Nicholls

O substituto

Tradução de Claudio Carina



Copyright © 2005 by David Nicholls

TÍTULO ORIGINAL
The Understudy

PREPARAÇÃO
Cristhiane Ruiz

REVISÃO
Natalia Klussmann

DIAGRAMAÇÃO
Editoriarte

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

N518s

Nicholls, David, 1966-

O substituto / David Nicholls ; tradução Claudio Carina.

– 1. ed. – Rio de Janeiro : Intrínseca, 2013.

320 p. ; 23 cm

Tradução de: The understudy
ISBN 978-85-8057-378-7

1. 1. Romance inglês. I. Carina, Claudio. II. Título.

13-01518

CDD: 823

CDU: 821.11-3

[2013]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 — Gávea
Rio de Janeiro — RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

Para Roanna Benn, Matthew Warchus e
Hannah Weaver, pelas pausas.

*Não! Eu não sou o príncipe Hamlet, nem pretendi ser:
Sou um atendente do lorde, alguém capaz de
Incrementar uma ação em progresso, começar uma cena ou duas,
Aconselhar o príncipe; sem dúvida um trabalho fácil,
Deferente, feliz em ser útil,
Político, cauteloso e meticuloso;
Cheio de belas frases, mas um tanto obtuso;
Às vezes, na verdade, quase ridículo...
Quase, às vezes, o Bobo...*

T. S. Eliot

A canção de amor de J. Alfred Prufrock

Decore suas falas e não tropece na mobília.

Spencer Tracy

Primeiro Ato

ESPERANDO PARA PROSSEGUIR

— Isso não é a vida real, meu jovem. É só fingimento.

— Mas a “vida real” depende de *quão bem* a gente finge, não é? Você. Eu. Todos no mundo...

Jack Rosenthal

Ready When You Are, Mr. McGill

SUNSET BOULEVARD

Summers and Snow ep. 3 esboço 4

INSPETOR-CHEFE GARRETT (CONT.)

...ou faço você voltar a ser guarda de trânsito mais rápido do que você possa dizer "ação disciplinar".

INSPETOR SUMMERS

Mas ele está brincando com a gente, senhor, como um gato com um..

INSPETOR-CHEFE GARRETT

Eu vou repetir... Não. Faça o que eu mandei. Pessoalmente. Eu quero resultado, e quero para ontem, Summers, senão você está fora desse caso.

(SNOW tenta falar)

Estou falando sério. Agora saiam daqui... vocês dois.

INT. NECROTÉRIO. DIA

BOB "BONES" THOMPSON, o patologista forense, complexão cadavérica, senso de humor macabro, debruçado sobre o corpo seminu de um JOVEM, pouco mais de trinta anos, o corpo inchado frio e morto na laje do necrotério, nos estágios iniciais de decomposição – a policial SNOW cobre a boca com um lenço.

INSPETOR SUMMERS

Então... diga lá, Thompson. Há quanto tempo acha que ele morreu?

THOMPSON

Difícil calcular. Pelo fedor, acho que poderia dizer que não é o peixe mais fresco na laje...

INSPETOR SUMMERS (sem sorrir)

O tempo está passando, Bones...

THOMPSON

Certo. Bem, a julgar pela decomposição, pelo inchaço e pela descoloração da pele, eu diria... que ele ficou na água uma semana ou algo assim, uma dia a mais ou a menos. O exame inicial sugere estrangulamento. Pelas marcas no pescoço, diria que o assassino usou uma corda grossa e áspera, ou talvez uma corrente...

INSPETOR SUMMERS

Uma corrente? Meu Deus, pobre infeliz...

POLICIAL SNOW

Quem encontrou o corpo?

(SUMMERS olha para ela — “Sou em quem faz as perguntas aqui...”)

THOMPSON

Uma senhora passeando com o cachorro. Simpática, oitenta e dois anos. Acho que seria seguro dizer que não é o *serial killer* que procur...

— Espere aí... Não... não, desculpe, pessoal, vamos ter que interromper.
— Por quê? O que houve? — reclamou o inspetor Summers.

— Houve um estremeamento.

— Na lente?

— Na narina do morto. Dá para ver que ele está respirando. Vamos ter que fazer de novo.

— Ah, pelo amor de Deus...

— Desculpe! Desculpe, desculpe, pessoal — disse o JOVEM MORTO, sentando-se e cruzando os braços no peito pintado de azul, constrangido.

Enquanto a equipe se reposicionava, o diretor, um tipo agitado e de rosto alongado, boné puxado para trás mostrando a testa brilhante que lhe dava pouca credibilidade, levou as duas mãos ao rosto e suspirou. Levantou-se de sua cadeira de lona, andou até o JOVEM MORTO e ajoelhou-se amigavelmente ao seu lado na laje do necrotério.

— Ok. Então, Lázaro, conte para mim... algum problema?

— Não, Chris, está tudo bem...

— Porque... como posso dizer... no momento, você está fazendo um pouco demais.

— Eu sei, me desculpe.

O diretor olhou para o relógio, esfregou a fivela vermelha do lado esquerdo do boné.

— Porque já são quase duas e meia e... qual é o seu nome, mesmo?

— Stephen, Stephen McQueen. Com PH.

— Algum parentesco?

— Nenhum parentesco.

— Bem, Stephen com PH, já são quase duas e meia e nós nem começamos a autópsia...

— Sim, é claro. Mas, você sabe, todas essas luzes, os nervos, essas coisas...

— Você não precisa *interpretar*, só precisa ficar aí bem quietinho.

— Eu sei, Chris, mas é difícil ficar sem respirar por tanto tempo, você sabe.

— Ninguém está pedindo para você não respirar...

— Não, eu sei — respondeu Stephen, esboçando um sorriso de cumplicidade.

— ...mas também não precisa ficar arfando, como se tivesse corrido duzentos metros, certo?

— Certo.

— E sem caretas. Tenha uma atitude... neutra.

— Certo. Neutra. Mas, fora isso...?

— Fora isso, você está fazendo um *excelente* trabalho. Mesmo.

— E será que vamos conseguir acabar às seis? É que eu preciso estar...

— Bem, isso depende de você, não é, Steve? — disse o diretor, ajeitando o boné e voltando para sua cadeira de lona. — Ah, Steve? — gritou de longe. — Por favor, não encolha a barriga... você precisa parecer *inchado*.

— Inchado. Certo, inchado.

— Muito bem, todos aos seus lugares — gritou o primeiro assistente, e Stephen acomodou-se outra vez na laje de mármore, ajustou a roupa molhada, fechou os olhos e fez o melhor possível para se fingir de morto.

O grande segredo de uma boa interpretação cinematográfica é fazer o mínimo possível, e isso é ainda mais importante quando se está fazendo o papel de um objeto inanimado.

Em uma carreira profissional que já durava onze anos, até agora Stephen C. McQueen havia interpretado seis cadáveres, cada um deles cuidadosamente elaborado e sutilmente delineado, cada um deles comunicando o pathos de não estar vivo. Para não ser selecionado sempre para o mesmo papel, ele omitiu essas experiências no seu currículo, atribuindo aos vários cadáveres nomes intrigantes e carismáticos, como MAX ou OLIVER, em vez dos mais específicos, porém menos evocativos, CADÁVER ou VÍTIMA. Mas o fato havia se espalhado pela indústria — ninguém fazia aquilo melhor do que Stephen C. McQueen. Se você queria alguém para ser retirado do Grand Union Canal ao amanhecer, ficar deitado sobre o capô de um automóvel, estropiado e sem reclamar, ou se estirar de braços no fundo de uma trincheira lamacenta da Primeira Guerra Mundial, aquele era o homem certo. Seu primeiro trabalho ao sair da escola de arte dramática foi GAROTO DE PROGRAMA 2 em *Vice City*, uma série policial da pesada que marcou época. Uma fala:

GAROTO DE PROGRAMA 2

(Sotaque de New Castle)

Eeei, tá a fim de um programa, moço?

Depois, uma tarde longa e abafada com o braço pendurado para fora de uma lata de lixo preta. Claro que aos trinta e dois anos os dias de Garoto de Programa já pertenciam ao passado, mas Stephen C. McQueen ainda era forte candidato ao papel de cadáver.

Por alguma razão, entretanto, hoje sua técnica estava falhando. O que era uma pena, pois *Summers and Snow* era uma verdadeira instituição na TV, e dali a alguns meses mais de nove milhões de pessoas estariam sentadas em frente aos aparelhos de TV num domingo à noite para vê-lo ser rapidamente estrangulado, e ser depois deitado ali, inerte, usando roupas íntimas de um estranho. Seria difícil definir aquilo como uma *oportunidade*, mas se o diretor gostasse do que ele fizesse, ou não fizesse, se continuasse como elenco de apoio, um dia poderia ser escalado para fazer o papel de alguém andando, mexendo o rosto, falando em voz alta. Primeira Regra do Showbiz: o importante não é o que você sabe, mas quem você conhece. Ser profissional. Ser positivo. Manter-se comprometido. Sentir-se sempre motivado. O truque é *impressionar*. Fazer sempre com que as pessoas *gostem* de você, pelo menos até se tornar famoso a ponto de isso não fazer mais diferença.

Enquanto esperava a próxima tomada, Stephen sentou-se ereto na laje fria e esticou os braços atrás das costas até sentir os ombros estalarem — importante para não enrijecer, importante para manter o relaxamento. Olhou ao redor do estúdio, na esperança de puxar conversa com algum colega ator. Craggy, o Severo, Solitário e Ex-alcoólatra Detetive Tony Summers estava num grupo fechado afastado com a Empertigada Sally Snow, a Policial de Pensamento Independente, bebericando chá em um copo descartável e comendo os melhores biscoitos com autoconfiança. Stephen tinha uma leve queda por Abigail Edwards, a atriz que interpretava a policial Snow, e já havia até bolado uma piadinha sobre o seu papel que poderia usar numa conversa. “É um jeito de viver, Abi!”, diria com ironia e um sorriso de canto de boca entre duas tomadas, depois ergueria uma sobrancelha embolorada e ela daria risada, os olhos brilhantes, e talvez trocassem números de telefones no final da filmagem, sairiam para um drinque ou coisa assim. Mas essa oportunidade nunca surgiu. Entre uma cena e outra ela mal o notava, e aos olhos de Abigail Edward era como se ele estivesse... morto.

Uma animada maquiadora apareceu ao lado de Stephen, borrifou-o com água e passou vaselina em seu rosto e seus lábios. O nome dela

era Deborah? Outra Regra do Showbiz — sempre, *sempre* chame todo mundo pelo nome...

— Então, como estou, Deborah? — perguntou.

— É Janet. Você está lindo! Trabalho engraçado esse, não é?

— Bem, é um jeito de viver! — gracejou, mas Janet já tinha voltado à sua cadeira de lona.

— Vamos logo com isso, gente! — rosnou o primeiro assistente, e Stephen acomodou-se na laje do necrotério, como um peixe grande e molhado.

Ficar imóvel.

Não deixar ninguém perceber que está respirando.

Lembre-se: você está morto.

Minha motivação não é estar vivo.

Atuar não é reagir.

O C de Stephen C. McQueen era usado por insistência do seu agente, para evitar confusão com o astro do cinema internacional.

Mas até agora ninguém tinha feito essa confusão.

O Neorromântico

A felizarda Lucy Chatterton entrevista o jovem e charmoso ator que está incendiando as plateias de West End — e de Hollywood

Quando eu disse às minhas amigas que ia fazer uma entrevista com Josh Harper, a reação foi uma só: inveja pura e indisfarçável. “Que sorte a sua”, suspiravam. “Alguma chance de conseguir o telefone dele?” Sentada à sua frente, num clube exclusivo do West End, é fácil entender a razão desses suspiros.

Com apenas vinte e oito anos, Josh Harper é o jovem ator mais bonito e atraente da Inglaterra. Eleito recentemente o 12º Homem mais Sexy do Mundo por leitoras de uma conhecida publicação feminina, Josh ganhou fama quatro anos atrás, ao se tornar o mais jovem ator a receber o prêmio BAFTA por seu comovente desempenho como Clarence, um retardado mental que luta contra uma doença terminal no aclamado drama de TV *Seize the Day*. Desde então, fez um tremendo sucesso nos palcos como um Romeu extremamente sensual, nas telas como um gângster psicótico e travestido no ultraviolento filme policial britânico *Stiletto*, e ainda arranjou tempo para salvar o mundo no *thriller* futurístico *TomorrowCrime*. No Natal será lançado seu filme de maior orçamento até agora, a aventura de ficção científica *Mercury Rain*, mas no momento resiste ao canto da sereia hollywoodiana para interpretar outro ousado papel, o de Lorde Byron, na aclamada peça teatral *Louco, mau e perigoso de se conhecer*, em cartaz no West End.

“É a vida de Byron contada em suas próprias palavras... suas cartas, poemas e diários”, explica Josh, bebendo um *espresso* duplo e olhando para mim com seus inquietantes olhos azul-claros. “É uma história incrível. De certa forma, Byron foi o primeiro astro do rock...

Fama internacional, mulheres se atirando aos seus pés... Mas ele foi também uma figura radical, e muito envolvida em política, assim como eu. Tudo isso e ainda era bissexual, mantinha uma relação incestuosa com a irmã e tinha um pé torto. Um cara muito louco!”

Pergunto se ele se identifica de alguma forma com o personagem.

“Como assim, além do pé torto?”, responde sorrindo. “Bem, nós dois somos passionais, imagino. E também estou muito envolvido com política, especialmente com o meio ambiente. Sou muito feliz no casamento, é claro. E minha irmã é muito legal, mas, você sabe... existem limites!” Josh Harper joga a cabeça para trás e dá outra risada, uma gargalhada quente e sincera. Na mesa ao lado, duas mulheres olham para nós. Será inveja que vejo nos olhos delas?

Josh começa a me dizer que gosta de misturar teatro com trabalhos comerciais de grande orçamento. Hollywood exerce certo fascínio sobre ele, mas ainda não está pronto para morar lá. “*Mercury Rain* foi muito divertido, andar de traje espacial, disparar armas de laser, mas nessas grandes produções de ficção científica a maior parte do tempo você está atuando com o nada, para eles inserirem os efeitos especiais depois. Mesmo assim, acho que é um pouco mais sofisticado e inteligente que a maior parte dos filmes desse tipo. Basicamente é o velho poema anglo-saxão *Beowulf*, mas passado no espaço. O que é ótimo também nesses grandes filmes é que os ganhos financeiros me permitem fazer as coisas de que mais gosto: peças de teatro como *Louco, mau...* Ou pequenos filmes independentes. Fama e celebridade são ótimas quando você quer uma mesa num restaurante, mas não foi por essa razão que entrei no ramo. Adoro o suor e o cheiro da *verdadeira* interpretação.”

Então ele vai continuar participando de grandes produções de Hollywood?

“Claro que sim! Como posso dizer? Adoro explodir coisas!!! E, sim, já recebi algumas propostas, mas nada que eu possa revelar. E acho que jamais conseguiria morar em Los Angeles... Gosto demais da minha cerveja, do meu cigarrinho e do meu futebol!”

Então os rumores sobre James Bond são verdadeiros? Josh faz um ar modesto.

“Apenas boatos, eu acho. Meu pessoal falou com o pessoal deles, no entanto ainda está tudo no ar. E de qualquer forma, ainda sou muito novo. Mas talvez algum dia. Claro que eu adoraria fazer o papel de

James Bond... Não existe um ator no mundo que não gostaria de interpretar James Bond!”

A assessora de imprensa começa a tamborilar no relógio, e só há tempo para algumas perguntas rápidas. Pergunto quem ou qual é o maior amor da sua vida.

“Minha esposa, é claro”, responde sem hesitar, os olhos brilhantes. Josh está casado com Nora Harper, uma ex-cantora, há dois anos. Sinto muito, garotas!

“E com que frequência vocês fazem sexo?”, pergunto, forçando um pouco a barra. Felizmente, Josh apenas sorri.

“Será que isso não é uma pergunta pessoal?! Com a maior frequência possível.”

“O que você faz para relaxar?”

“Ver resposta acima!”

“Quando e onde se sente mais feliz?”

“Ver resposta acima!!”

“Aroma favorito?”

Ele pondera por um momento. “Gramma recém-aparada, ou o cheiro da cabeça de um bebê...”

“Filme favorito?”

“*O Império contra-ataca.*”

“E qual é a sua palavra favorita?”

Ele pensa por um momento.

“Uma que minha mulher me ensinou... fidelidade.”

.....

...e Stephen C. McQueen achou que era uma boa hora para parar de ler. Jogou o jornal no banco do metrô à sua frente. O que havia de tão especial no cheiro da cabeça de um bebê recém-nascido, afinal? Josh nem tinha filhos. Que cabeça ele andava cheirando? No banco da frente, a foto de Josh sorria para ele, a barba imaculadamente malfeita, passando a mão no cabelo, a camisa aberta até a cintura. Virou o jornal de cabeça para baixo e voltou a olhar pela janela, por onde passavam os quarteirões de torres e terraços de Stockwell e Vauxhall.

Viu seu reflexo no vidro e pensou como ele interpretaria o papel de James Bond. É verdade que ainda precisava ser contatado pelas partes interessadas, mas numa espécie de teste particular ele ergueu uma so-

brancelha, expressou um suave sorrisinho de James Bond e tentou, com muita intensidade, se imaginar de smoking, em frente a uma roleta, rodeado por mulheres lindas e perigosas.

Teve uma visão momentânea de si mesmo como OPERADOR 4 DE SALA DE CONTROLE, cambaleando de costas e atravessando uma porta de vidro falso de açúcar no convés de um submarino, o avental do laboratório em chamas.